

A DESCONSTRUÇÃO DAS FRIVOLIDADES NA EDUCAÇÃO DAS MULHERES COM BASE EM EXCERTOS DE NÍSIA FLORESTA

The deconstruction of the frivolities in the education of women based on excerpts from Nísia Floresta

Edla Eggert*

RESUMO

Este ensaio apresenta uma breve retomada da trajetória da autora Nísia Floresta e, em seguida, apresenta os argumentos com base na hermenêutica feminista para realizar uma releitura de alguns excertos escritos por ela. Nos pontos seguintes, estabelece o exercício dessa releitura, apresentando o que é entendido por uma antipedagogia da educação das mulheres no século XIX. E finaliza indicando que ainda não se chegou aos fundamentos pedagógicos dessa antipedagogia, ou seja, na desconstrução das frivolidades ensinadas diuturnamente para as meninas e mulheres. Além disso, apresenta questões que integram a proposta de intensificar resgates de textos de mulheres que abriram caminhos na busca por uma educação mais autônoma, numa perspectiva de gênero para os tempos atuais.

Palavras-Chave: Gênero; Educação; Textos clássicos; Hermenêutica feminista.

ABSTRACT

This essay presents a brief review of author Nísia Floresta's trajectory and, then, presents the arguments based on a feminist hermeneutic to carry out a re-reading of some excerpts written by her. The following parts, establish an exercise of this re-reading, presenting what is understood as an anti-pedagogy of women's education in the 19th century. The essay ends indicating that the pedagogical groundings of this anti-pedagogy have not yet been reached, that is, the deconstruction of the frivolities taught constantly to girls and women. Besides, it presents issues that are part of a proposal to intensify re-readings of texts written by women that opened ways in the search for a more autonomous education, constructed based on a gender perspective for current times.

Keywords: Gender, Education, Classics, Feminist Hermeneutics

*Educai o coração da mulher,
esclarecei seu intelecto com o estudo
de coisas úteis e com a prática dos deveres,
inspirando nela o deleite
que se experimenta ao cumpri-los;
purgai a sua alma de tantas nocivas frivolidades pueris
de que se acha rodeada mal abre os olhos à luz.
Cessai aqueles tolos discursos com os quais atordoais sua razão,
fazendo-a crer que é rainha,
quando nada mais é que a escrava dos vossos caprichos.
Não façais dela a mulher da Bíblia;
A mulher de hoje pode se sair melhor do que aquela.
(Nísia Floresta, [1859] 1997, p. 115s)*

* Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Atualmente, coordena o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: edla@unisinos.br

Introdução

Em 2010, comemoramos os duzentos anos de nascimento de Nísia Floresta, quase despercebidos na história da educação brasileira¹. A produção historiográfica dessa personagem existe graças à dedicação da pesquisadora Constância Lima Duarte, que tem contribuído largamente com o aprofundamento investigativo da vida e obra de Nísia Floresta². Entendemos, porém, que ainda há muito que investigar, pois há fontes primárias perdidas, como vários dos seus livros. Da mesma forma, a participação dela na vida educacional e política em Porto Alegre, nos anos 1833 a 1837, ainda não está devidamente analisada. Teses e dissertações estão a caminho³. Estudos como os de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (1996) sobre a polêmica da tradução da obra de Mary Wollstonecraft e a imaginação criativa dessa tradução demonstram a riqueza que temos em termos de pesquisa com base não somente na historiografia como também na hermenêutica dos textos de Nísia.

Com o resgate de alguns excertos dos escritos de Nísia Floresta e sua posterior análise, introduzimos a ideia de que Nísia produziu uma pedagogia muito à frente do seu tempo, a partir das suas incursões na cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Nessa releitura, destacam-se as opções/ações de Nísia, com as quais podemos aprender como foram tecidas suas pedagogias e seus processos, às vezes aparentemente paradoxais, porque misturados aos ideais teóricos do seu tempo com o seu ideal da autonomia feminina.

No Brasil, segundo Arilda Inês Miranda Ribeiro (2000), o imaginário da mulher e também do homem foi desenvolvido sob a égide da sociedade portuguesa, e esta ligava-se aos ideais católicos. Assim, a compreensão de um padrão de mulher frágil e servil frente à autoridade do pai e do marido confirmava os valores monárquicos. A subserviência e a fragilidade/debilidade eram características indispensáveis para uma moça de família, que futuramente precisaria delas no casamento, pois a mulher deveria ser sempre dócil, gentil, submissa e uma boa mãe.

Um breve percurso dos caminhos de Nísia

Nísia Floresta foi uma mulher do cenário pedagógico brasileiro do século XIX, uma desconhecida entre seus pares durante quase todo o século XX, como a maioria

¹ A Fundação Banco do Brasil, a Petrobras e a Rede de Desenvolvimento Humano – REDEH, no ano de 2006, homenagearam Nísia Floresta, dando sequência ao Projeto Memória, composto por uma exposição itinerante, que percorre cerca de 800 municípios em todos os estados do Brasil, um livro fotobiográfico, um vídeo documentário e um *kit* pedagógico, que foi distribuído para 18 mil escolas e 5 mil bibliotecas de todo o País. Ver <http://www.projetomemoria.art.br/>.

² É vasta a produção da pesquisadora e tem trazido inúmeras perspectivas investigativas, por exemplo, em 2010, Duarte retomou a polêmica do que já havia indicado em 2001, que é a questão da tradução do texto de Mary Wollstonecraft e, em 2009 e 2008, apresentou, em periódicos científicos, a questão das viagens. Coisa rara para as mulheres do século XIX e que Nísia fez com desenvoltura. Isso pode ser constatado por meio dos diários que demonstram um estilo narrativo nas análises que a viajante faz ao se deparar com realidades muito diferentes do Brasil. Constatamos a ampla produção científica de Duarte em torno da vida e obra de Nísia.

³ No Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, o atual projeto de pesquisa do Professor Márcio Venício BARBOSA tem a seguinte proposição: (a) Análise textual dos discursos: a intertextualidade na obra em língua francesa de Nísia Floresta; (b) uma orientação de dissertação de mestrado de Alyanne de Freitas Chacon, orientada por esse mesmo professor, com o título: A autobiografia na obra de Nísia Floresta. (2009); no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, há uma tese que está sendo produzida com a temática em História da Educação da doutoranda Graziela Rinaldi, orientada pela Profa. Berenice Corsetti.

das mulheres na história em geral e da história da educação em especial. Neste subtítulo, fazemos um breve retrospecto da trajetória e buscamos responder ao porquê de lembrar uma educadora que não foi vista com bons olhos pela sociedade da época e de relacioná-la com estudiosas latinoamericanas do nosso tempo.

Nísia Floresta Brasileira Augusta era seu pseudônimo [seu nome verdadeiro era Dionísia Gonçalves Pinto] que revela, segundo Constância Lima Duarte (1997), um tanto das suas marcas: Nísia vem do nome de batismo Dionísia; Floresta era para lembrar o sítio Floresta, onde viveu quando criança; Brasileira, como afirmação do sentimento nacionalista; e Augusta, uma homenagem ao marido Manuel Augusto. O local onde nasceu Nísia Floresta chamava-se Papari, no interior do Rio Grande do Norte, que hoje leva o nome dessa ilustre mulher.

Foi “alinhavada” para ser mais uma mocinha para quem um marido é escolhido nos seus 13 anos de idade. Desobedeceu o mundo ao seu redor e não quis vestir o espartilho sufocante da obediência e subserviência no casamento. Na sociedade em que vivia, pessoas como Nísia não passaram despercebidas, não foram nada discretas e foram pouco comuns nos seus tempos. Nos dias de hoje, identificamos as contradições e as diferentes formas de se colocar dessa mulher que dizia o que pensava para uma sociedade hostil contra mulheres que decidiam se confrontar com o destino de esposa e mãe virtuosa. A não obediência, a rebeldia contra proposições fixas e tradicionais marcadas por um pano de fundo complexo e denso como a dominação do eurocentrismo⁴ justificava exemplos vindos do além-mar, nos quais também Nísia se inspirou em grande parte. Ela mantinha seu olhar atento às realidades da terra brasileira. Nesse espírito, vieram da Europa inspirações de discursos de liberdade que, somados aos que aqui já existiam, produziram trocas e desenvolveram outras ideias no campo da Educação para as mulheres.

Segundo Constância Lima Duarte (1995), Nísia teve um casamento em 1823 que, provavelmente, foi arranjado, como era o costume, mas que durou muito pouco, pois Nísia voltou a morar com os pais. A família já tinha um histórico de posturas mais vanguardistas ao ter no pai, advogado, pessoa que assumia causas contra os grandes fazendeiros do lugar. Esses dois fatores, a quebra do contrato de casamento e as defesas em favor dos mais injustiçados por parte do pai provavelmente fizeram com que a família tenha mudado do interior do Rio Grande do Norte para Pernambuco, onde passaram por Goiânia, depois Recife e, após, Olinda. Lídia Santos (s/d) suspeita que Nísia foi perseguida pelo primeiro marido, pois, além das mudanças enquanto separada, junto com os pais, depois de casada com Manuel Augusto desde 1828, em 1832 ela transferiu-se com o marido, a filha Lívia (nascida em 1930), a mãe e as irmãs, Clara e Izabel, para Porto Alegre. Nísia ainda levou nessa mudança a experiência de ter um bebê prematuro que morreu em 1831.

Em Recife, ainda no ano de 1832, Nísia publicou, segundo Constância Lima Duarte (1995), uma tradução livre do *Vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft. Em Porto Alegre, essa tradução teve uma segunda edição em 1833, pela Tipographia de V. F. de Andrade. Uma terceira edição saiu no Rio de Janeiro, em 1839⁵.

⁴ Ver Enrique Dussel: “O “eurocentrismo” da Modernidade é exatamente a confusão entre a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemônica pela Europa como “centro” (2005, p. 5).

⁵ Em torno dessa “tradução livre”, existe uma controversa entre a pesquisadora Constância Lima Duarte (1995) e Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (1996). O argumento da pesquisadora Constância é de que a tradução é livre e

Em Porto Alegre, no início do ano de 1833, nasceu o terceiro filho, Augusto Américo de Faria Rocha, e, ainda nesse mesmo ano, no mês de agosto, o marido morreu repentinamente. Nísia, em suas cartas, bem como em seus textos narrativos, descrevendo suas viagens, sempre remeteu-se ao mês de agosto com muito desgosto e tristeza por esse e outros eventos na sua vida⁶. Passou a se dedicar ao magistério e ao cuidado das suas duas crianças em Porto Alegre. Em 1837, devido ao clima tenso na capital gaúcha, por causa da Revolução Farroupilha, decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro. Segundo Nathalie Bernardo da Câmara (2001, p. 58), Nísia manifestou-se sobre Porto Alegre e o Rio Grande do Sul: “Eu havia deixado com pena essa nobre terra, à qual me ligavam uma sepultura e uma simpatia que eu sentia pelo heróico povo rio-grandense”.

No Rio de Janeiro, ela inaugurou uma escola para moças em 1838 e, depois (1849), seguiu para a Europa, de onde manteve contatos via textos para jornais brasileiros. Deixou a escola sob os cuidados do filho, que gerenciou o estabelecimento por mais 7 anos⁷. Nísia voltou ao Brasil por duas vezes, uma em 1852 (permanecendo até 1856) e outra em 1872 (permanecendo até 1875). Retornou à França e morreu em Rouen, no ano de 1885.

As aproximações ao texto de Nísia Floresta

Primeiramente, retomamos um debate que consideramos significativo e que diz respeito ao exercício de leitura de textos da autora para a História da Educação e a Filosofia da Educação. Esses textos, praticamente, são desconhecidos para o público dos cursos de Licenciatura, em especial dos cursos de Pedagogia. Os livros de História da Educação, quando muito, trazem Maria Montessori como uma das educadoras importantes do século XX, deixando de lado brasileiras como Nísia Floresta, do século XIX, e Maria Lacerda de Moura, do século XX. Na trilha da hermenêutica feminista oriunda de teóricas da teologia, encontramos subsídios para uma retomada de leitura de textos clássicos como os de Nísia Floresta, sob a luz de métodos que inspiram o cuidado de produzir uma hermenêutica crítica nos textos da área da Educação; ao mesmo tempo, para pesquisar autoras invisibilizadas pelo argumento androcêntrico. Ou seja, a história da educação no Brasil ainda é composta por uma longa tradição que pouco identifica a produção dos escritos e vivências de mulheres brasileiras. Esquadrinhar indícios, olhar pelo avesso

adaptada à realidade brasileira, enquanto que para Maria Lucia Garcia Pallares-Burke, não foi a tradução do livro de Mary Wollstonecraft e, sim, a tradução de uma obra inglesa traduzida para o francês de um tratado feminista *Woman not inferior to man*, datado de 1739, que tinha por autoria alguém com o pseudônimo de Sophia que, segundo Maria Lucia Garcia Pallares-Burke, foi inspirado no pensador francês do século XVII, François Poulain de La Barre. Nathalie Bernardo da Câmara (2001, p. 92ss), em nota explicativa do livro “*Fragments de uma obra inédita*”, traz Maria Lucia G. Pallares-Burke (1996) para mostrar os argumentos dessa pesquisadora e advogar a afirmação de que a “livre tradução que o Brasil conheceu foi uma travessura literária de Nísia Floresta”. O que fica evidente, nessa argumentação e contra-argumentação de pesquisadoras, é uma realidade que trata das traduções [pequenas traições?] muito bem indicadas por Fraya Frehse (1997) na resenha que faz do livro de Maria Lucia G. Pallares-Burke.

⁶ No texto de Dayana Monalze Bernardo Pereira e Márcio Venício Barbosa (2008), apresentado no III CIPA, RN, é destacada Nísia: “encontra tanta amargura no mês de agosto por terem acontecido, nesse mesmo mês, em longos intervalos, os falecimentos de seu pai (1828), de seu marido (1833) e, o mais recente, de sua mãe (1855). Foi justamente esse luto intenso que levou a autora, como ela mesma diz, a buscar novas terras, como forma de afastar o sofrimento que lhe causava, sobretudo a morte da mãe, cujo primeiro aniversário seria lembrado naquele agosto.

⁷ O colégio fechou em 1856.

situações que podem indicar posturas e experiências do mundo doméstico, discreto e opaco da vida de mulheres, é uma das formas provenientes dos estudos feministas. Entendemos que suspeitar dos silêncios, das ausências e, até mesmo, dos movimentos difamatórios de mulheres como Nísia é produzir um novo campo de interpretações pouco explorado na leitura da história e da filosofia da educação.

Num artigo sobre a Releitura de Clássicos da Educação, Eggert (1999) estabelece um diálogo por meio de experiências de pesquisa vindas do campo da Teologia Feminista e propõe exegeses anunciadoras de outras formas de interpretar textos clássicos da educação. Eggert (1999) destaca aspectos sobre uma proposta de hermenêutica feminista e indica passos com base na hermenêutica bíblica de Elizabeth Fiorenza (1992, 2000), que consistem em lembrar, suspeitar, imaginar criativamente e proclamar outras maneiras de ler os clássicos. Com esses passos, pretende destacar e analisar aspectos que entendemos ser relevantes para a ampliação de argumentos teóricos no campo da Educação. A hermenêutica feminista que é referida nesse artigo possui, na teologia e na antropologia, seu aporte mais significativo. Elizabeth Schüssler Fiorenza (1992, 2000) contribuiu para que a teologia protagonizasse, ainda na década de 1970, um outro modo de produzir a exegese bíblica. Nesse rastro, vamos aprendendo que é possível reler clássicos com a suspeita de que as ausências podem dizer muito. Do mesmo modo, Rosemary Ruether (1995, p.85) amplia essa compreensão relendo os ensinamentos de Agostinho e São Tomás de Aquino, que afirmavam ser a mulher a “parte caída dos homens”, “a responsável pelo pecado”, ou ainda, de que “todas as mulheres tornaram-se Evas responsáveis pela corrupção inicial e pela origem do mal”, como lembra a teóloga brasileira Ivone Gebara (1990, p. 31). Segundo essas autoras, essa é uma marca profunda de um fazer teológico e epistemológico. Para desconstruir essa marca, há a necessidade da alimentação de um sentimento de transgressão constante nas mulheres para que elas construam argumentos para dizer o que elas são a partir das suas experiências⁸. Assim, as ausências, as inferiorizações e marginalizações, ao serem visibilizadas, tornam o exercício da interpretação um pouco mais rugoso, menos universalizante e, também, nesse caso, menos androcêntrico.

Danilo Streck (2006), num estudo sobre o imaginário pedagógico latinoamericano, afirma que a América Latina é mais do que o “mundo do pensamento ou das ideias”, pois *nesse mundo* se mesclam muitas outras coisas. Nessas mesclas, incluímos os argumentos de Nísia, por exemplo, sobre esclarecer o intelecto das mulheres com “o estudo de coisas úteis” e purgar a alma delas “de tantas nocivas frivolidades pueris”. Nísia, como outras escritoras do século XIX⁹, usou pseudônimos com o objetivo de se fazer lida, pensada, dignificada na produção escrita do seu conhecimento como ser humano inquieto que era. Podemos dizer que ela possuía um imaginário provocador por liberdade dos escravos, dos indígenas, das mulheres e do povo brasileiro.

⁸ Numa outra face investigativa, temos a pesquisa do professor Márcio Venício Barbosa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN: “Análise textual dos discursos: a intertextualidade na obra em língua francesa de Nísia Floresta”, que, com o texto “Micro-relatos” autobiográficos, Nísia Floresta, pacto autobiográfico (2008) apresenta diferentes formas de interpretar as narrativas entendidas pelo pesquisador como autobiográficas.

⁹ Zahide Luppinacci Muzart coordenou uma pesquisa que resultou numa obra prima sobre mulheres escritoras do século XIX e onde constatamos, em muitas personagens, a tática de escrever assinando sempre com pseudônimos, para que não sofressem malicências (1999, p. 266).

Nísia Floresta foi influenciada, especialmente, pelas idéias positivistas. Ela fez o que uma boa parte das mulheres precursoras do feminismo no século XIX fizeram: aproveitaram a “janela” do discurso positivista para, na sociedade da época, utilizarem-se da ‘necessidade da educação das mulheres’ e irem muito além disso. No argumento positivista, a valorização da mulher dava-se pelo redimensionamento da maternidade. Uma mãe culta tinha um papel social determinante ao legar aos filhos e filhas um preparo e uma moral vigorosa¹⁰. Constância Duarte (1995) aponta que o positivismo em Nísia pode ser relativizado, pois, de certa forma, ela se apropriou de aspectos que indicavam a elevação do *status* das mulheres e não levava em conta a posição subalterna que o positivismo ensinava em sua doutrina por meio da priorização da maternidade e da condição de esposa para as mulheres.

Ao instalar a escola para meninas e moças no Rio de Janeiro, inaugurou uma pedagogia com métodos e conteúdos inovadores. Não limitou suas alunas à costura e aos bons modos, como era comum naquele tempo. Os estudos incluíam disciplinas como latim, caligrafia, história, geografia, religião, matemática, português, francês, italiano, inglês, música, dança, piano, desenho e costura. O ensino das línguas era “direto”, isto é, usava-se exclusivamente a segunda língua na sala de aula, “sem nenhuma influência da língua materna”, segundo Sharpe-Valadares (1989, p. xii). Em onze anos de trabalho, atuou como diretora e como mentora dos princípios da escola. Nísia lutou por uma escola brasileira, onde a competência intelectual fizesse parte do cotidiano das mulheres. Essa conduta de educar suas alunas de maneira singular nem sempre foi bem aceita pela sociedade da época, sendo que, por vezes, foi acusada por esta sociedade de incitar as mulheres e de possuir uma postura considerada masculina. Além disso, os jornais da época, *Jornal do Comércio* e *o Mercantil*, por meio das colunas pagas e anônimas, segundo Aduato da Camara (1997, p. 42), “[...] acolhiam mofinas indignas, com alusões veladas a sua vida particular”. Segundo o mesmo autor, esses golpes de *malidicência* provinham dos donos de colégios concorrentes, em geral estrangeiros, que, desgostosos com o bom aproveitamento das alunas do Colégio Augusto, atacavam a figura pública da diretora.

A difamação ou a ridicularização tem sido uma produção social na tradição patriarcal: a de construir barreiras em torno de mulheres que buscam autonomia para si e para as outras mulheres. Segundo Marcela Lagarde (2005, p. 18), quando mulheres dizem a si mesmas e ao mundo “eu sou eu mesma”, sofrem a discriminação a partir dessa afirmação que é entendida como uma *transgressão*. E Nísia foi uma mulher que disse o que pensava, tomava decisões, escrevia e se governava. Num tempo em que as mulheres tinham por conselho materno não levantar os olhos para os homens, Nísia encarava-os e dirigia-lhes a palavra falada e escrita. Daí o assombro de Gilberto Freire (1985, p. 109):

Nísia Floresta surgiu - repita-se -, como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre as sinhazinhas dengosas do meado século XIX. No meio de homens a dominarem sozinhos todas as atividades extradomésticas, as próprias baronesas e viscondessas mal sabendo escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase histórias de Trancoso, causa pasmo ver figura como a de Nísia.

¹⁰ Esse argumento não era novo, pois, desde a Educação Espartana no discurso de Platão, as mulheres deveriam ser educadas para preparem cidadãos hábeis para a política (Ver Werner Jaeger, 1995). A Paidéia destaca vários textos dedicados à educação das mulheres, futuras mães dedicadas à Pátria.

A reação de espanto de Gilberto Freire foi o “pasma” de quase toda a sociedade brasileira da época no Rio de Janeiro, que se escandalizou novamente um pouco mais adiante, quando teve, na música, Chiquinha Gonzaga, outra mulher “transgressora” no Rio de Janeiro, criadora do chorinho brasileiro¹¹.

Nísia discutia o teor pedagógico proposto na educação das mulheres brasileiras. No livro “Opúsculo Humanitário”, descreveu a condição das mulheres pelo mundo para então questionar as autoridades brasileiras sobre o seu compromisso com a educação das mulheres, já que se diziam um governo liberal. Com manifestações assim, Nísia atraiu para si inimigos que queriam vê-la longe do Rio de Janeiro. Aproveitando a necessidade de tratamento da filha, mudou-se para a Europa em 1850. Alguns jornais da época insinuavam que esta ida à Europa era nada mais do que uma fuga, resultado das manifestações e da conduta de Nísia.

A forma desmoralizadora com que a sociedade patriarcal da época produziu a marginalização desta e de outras mulheres esteve ligada com sua sexualidade e seu comportamento moral. Mesmo que ela tenha se posicionado politicamente sobre assuntos como a falta de escrúpulos em abrir escolas sem critérios, escravidão e república, o que foi destacado era o modo como ela atentava contra os bons costumes, ensinando exageros para as moças daquele tempo. Os exageros nada mais eram que o alcance de conhecimentos comuns aos quais todos os homens de bem, com posses, tinham acesso. Ou seja, o que Nísia advogava era dignidade para a educação das mulheres - e, nesse caso, das mulheres da classe abastada - do seu século. Na introdução do livro *Opúsculo Humanitário*, Peggy Sharpe-Valadares (1989, p. xi) destaca:

O propósito principal da educação da mulher brasileira era conservar a pureza, em sua conotação sexual, e assegurar um comportamento correto perante a sociedade. Contraopondo-se a essa mentalidade, Nísia Floresta formava conceito de seu colégio como uma instituição séria para a instrução das mulheres, em um tempo em que o programa de estudos para elas se atinha, na maioria dos casos, ao ensino da costura e dos bons modos.

A educação da mulher brasileira ou, pelo menos, o discurso dos propósitos de uma educação virtuosa para as mulheres, tanto no século XIX quanto no século XX, manteve sua coerência que estava profundamente relacionada com a educação católica.

No artigo de Marcus L. A. Bencostta, *Mulher virtuosa, quem a achará?* (2001), temos um exemplo cuidadosamente reconstruído acerca da educação feminina com base no IV Congresso Interamericano de Educação Católica, no ano de 1951. Vale ressaltar que esse documento é para a segunda metade do século XX. Praticamente cem anos antes, a educação das mulheres no século XIX era insistentemente orientada para a vida privada. E as palavras *privada* e *doméstica* não são meras coincidências. O irônico disso tudo é que há um mundo de labores destinado às mulheres que se tornaram um conjunto de *serviços voluntários*, conforme Marcela Lagarde y de los Rios (2005), devido ao discurso do amor e da virtuosidade. Graciela Hierro, na apresentação do livro de

¹¹ A biografia de Chiquinha Gonzaga (1847-1935) foi resgatada por Edinha Diniz e publicada no ano de 1984.

Marcela Lagarde y de los Rios (2005, p. 10), afirma: “[...] descobrir nossos cativos é o primeiro passo para abandoná-los”. No estudo antropológico sobre a mulher, realizado por Marcela Lagarde y de los Rios (2005), deparamo-nos com o conceito de *cativo* e de *servidão voluntária*. Para essa autora, todas as mulheres vivem – em maior ou menor grau – diferentes cativos. As *madresposas*, as monjas, as putas, as presas e as loucas, todas estão cativas de uma condição: ser de alguém e para os outros. A *madresposa* é aquela que Lagarde apresenta ser a mais comum de todas e a que é aceita e autorizada a circular no mundo público sem maiores problemas. Essa, segundo nossa interpretação, foi a mulher que Nísia também tinha em mente quando escreveu seus textos, porém com a crença de que realmente a qualificação da educação dessa mulher seria para elevar a função da *madresposa*. Esse era o seu contexto. De maneira que é possível afirmar que Nísia tinha uma forte intuição da noção dos cativos em que as mulheres viviam em seu tempo. Ela pesquisou a condição das mulheres na história dos países como Egito, Pérsia, Índia, Grécia, Roma, para depois chegar aos países da Europa.

Norma Discini e Raquel Discini de Campos (2009) analisam a imagem da mulher na literatura e no jornal das primeiras décadas do século XX. Em especial, analisam o discurso jornalístico da região Noroeste Paulista e um dos contos de Mario de Andrade (*Atrás da catedral de ruão*). Nesse artigo, também podemos observar o quanto a moral da boa e bela moça, virgem e ligada a profissões que indicam a extensão da maternidade e domesticidade são divulgadas por meio do jornal e o quanto a velhice já era considerada a perdição das mulheres.

Com base nesses dois artigos que pesquisaram literatura do século XX, podemos imaginar o quanto textos escritos por Nísia, quase cem anos antes, denunciavam o perfil de fragilização e imbecilização feminina. Nísia provocou desconforto ao propor que as meninas e as moças pudessem aprender a pensar e sair da margem da costura e dos bons modos para deixarem de ser esposas frívolas, aprendentes da arte da sedução e dos deveres domésticos, para passarem a ser esposas com uma educação mais comprometida com a pátria. Com certeza, para os nossos dias, apenas ser esposas mais preparadas pode parecer muito antiquado, mas entendemos que, para o contexto, ou seja, para as primeiras décadas do século XIX, era uma revolução imaginar que as esposas pudessem ter outra pedagogia que não a das artes da sedução e do uso das agulhas.

Uma antipedagogia produtora de possibilidades

É possível ser constatado o silêncio sobre os textos de Nísia Floresta no ensino da História e da Filosofia da Educação Brasileira. A suspeita é de que ainda estamos com pouca produção hermenêutica na leitura de clássicos marginais que possibilitem resgates aos argumentos que Nísia propôs para a educação das mulheres do seu tempo. Com base na hermenêutica feminista, faremos a introdução para a leitura dos fragmentos de Nísia Floresta.

No tempo em que viveu na Europa, Nísia Floresta escreveu artigos que foram publicados em jornais cariocas, sendo que os temas estavam geralmente voltados para os

problemas educacionais¹². Significativo é perceber que, quando era alvo de críticas, ela foi comparada com os homens. Quando a sociedade escutava/lia o que ela dizia/escrevia, era considerada um homem pelo fato de manifestar-se publicamente. O simples fato de dizer, escrever o que pensava passava a ser considerado/denunciado como uma tentativa de querer ser um homem, de se comportar como um homem. Ao ingressar por meio da escrita, conquista “inaugurada” pelo mundo masculino, ela foi tomada pelo espanto de se intrometer num campo estranho ao mundo das mulheres. Esse mau comportamento, nada recomendável para uma mulher decente, consistia em usar com desenvoltura a linguagem do mundo masculino para denunciar a opressão da mulher que foi criada pelos homens para seu próprio proveito e que logo eles a usaram para que se reforçasse e se perpetuasse segundo Sharpe-Valadares (1989, p. xi).

A influência das filosofias da época se apresentou em Nísia por meio da ilustração juntamente com uma linguagem emotiva e romântica. Na obra já citada, *O Opúsculo Humanitário*, são apresentadas questões com relação à educação da mulher na França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, entre outros lugares, para chegar ao Brasil e questionar o discurso liberal dos seus governantes e a sua política, com a educação das mulheres somente para a vida privada. Os países eram destacados pelos valores nobres e, na visão de Nísia, deveriam ser imitados. A mulher era destacada nos princípios positivistas como a responsável pela conservação e pelo progresso dos valores na sociedade. Sendo a mulher mãe culta, poderia educar seus filhos no caminho da virtude e do progresso. Parece-nos que, em toda a sua obra, a mulher tem sua importância a partir da família e da educação. Ela deve conquistar o espaço do saber. Para Nísia Floresta, a mulher bonita e burra era [e é ainda] um “paradoxo ridículo”, e o país necessitava urgentemente de uma reforma educacional. Sua crítica era dirigida à sociedade que insistia em manter uma educação “onde a menina aprendia tudo, menos o que pudesse torná-la digna, mais tarde, de ser colocada na ordem da mulher civilizada.” (FLORESTA, 1989, p. 67). A forma eclética com que Nísia apresentava seu pensamento evidenciava algumas tentativas de criar releituras. Peggy Sharpe-Valadares observa essa característica:

Por uma parte, Nísia Floresta era prisioneira de certos modos tradicionais de pensar a respeito da mulher, por ela herdados da Ilustração e do Romantismo; por outra parte estava tentando libertar-se desses paradigmas mais tradicionais e abraçar as novas filosofias, mais liberais, que iam fazendo o ambiente da metade do século XIX (SHARPER-VALADARES, 1989, p. xix).

A partir da filosofia liberal, fundamentou que “todos os indivíduos, sem exceção, são dotados de razão. Este era o conceito revolucionário na época de Nísia” (SHARPER-VALADARES, 1989, p. xxvi).

Inconformada com a condição de inferioridade das mulheres, anunciava que somente pela educação seria possível vê-las em condições de igualdade com os homens.

¹² Merece atenção o artigo de Constancia Duarte (2003), que retoma, segundo sua ótica, as três ondas do feminismo no Brasil e dá destaque à literatura jornalística da segunda onda no final do século XIX. A autora mostra o impacto de jornais nitidamente feministas, com boa circulação em diferentes estados brasileiros. Destaca que Nísia Floresta é precursora de textos publicados em jornais da sua época, iniciando a divulgação das ideias feministas trazidas do além-mar na primeira onda.

Podemos dizer hoje que, para viver em condições de igualdade, não basta somente o acesso à educação, pois essa já vinha [e ainda vem] repleta do argumento patriarcal reafirmando a naturalização de condutas neutras que ensinam a resignação, a fragilidade e o famoso carinho e cuidado que somente ‘elas sabem’ e são ‘capazes’ de oferecer. Nísia criticava e denunciava as ‘frivolidades femininas’ ensinadas desde a tenra infância.

Segundo a antropóloga mexicana Lagarde y de Los Rios (2005, p. 16), a mulher existe por que *é de alguém e para os outros* e, além disso, esse processo de dependência e submissão aprende-se como um atributo feminino. Portanto, quando alguma mulher ousa sair dessa forma de existência, ela rompe com atributos naturalizados da ordem e lógicas patriarcais. Experimenta o olhar repressor ao seu redor por parte de quase todos e todas. Suspeitamos que somente por meio de um debate com bases teórico-feministas é que esse olhar pode ser desconstruído e reconstruído. Se não, vejamos: no espaço da Educação, que, por excelência, hoje em dia, é reduto profissional das mulheres, por que ainda não conseguimos lidar com assuntos complexos como o aborto, a violência doméstica e infantil? Por que tão pouca literatura feminista é conhecida e reconhecida como teoria no campo da educação? Onde está a barreira? Tabus de ordem religiosa, jurídica e médica, com heranças patriarcais, constroem argumentos convincentes e invisibilizam os corpos e as histórias das mulheres e incentivam o preconceito homoafetivo. Lemos textos didáticos que ainda têm fortes tendências morais e que definem a mulher como um ser dependente, sem a mesma possibilidade para o homem. Dessa forma, o que Nísia achava ser a solução [a educação para as mulheres], ainda não é. O que também por vezes é alardeado hoje, por homens e mulheres, de que as mulheres estão dominando cada dia mais todas as áreas da produção de conhecimento e que isso vai transformar o mundo também parece equivocado. É equivocado porque, ao entrarem em espaços tradicionais como a educação, que foi produzida em ambiente dominado pelo discurso patriarcal e por suas experiências e modos de ler o mundo, as mulheres se adequaram a esse modelo ideológico de modo que muito pouca coisa mudou, a não ser o que de fato já era previsível dentro do que se ensinou há séculos: que elas seriam ideais na educação com crianças, pois tinham os atributos femininos da maternidade, pois foram relacionados com o cuidado e o afeto. As escolas passaram a ter um ar mais doméstico, mais agradável com a presença *cuidadora* da mulher, atenta e carinhosa. Um *feminino patriarcal*, como lembra acidamente Margarita Pisano (2001), que segue, zela, admira e obedece quem as subjuga.

Poderíamos direcionar essa argumentação para a área da saúde e teríamos parcialmente o mesmo resultado. Inclusive, poderemos olhar para o Direito e constatar que juízas julgam exatamente da mesma forma que juízes machistas na lógica do argumento patriarcal, pelo simples fato de terem aprendido os mesmos conceitos sobre os atributos e a condição que a mulher sustenta. Na argumentação mais crua dessa realidade, temos a famosa pergunta, ou afirmação, ou pensamento, no caso de um estupro: como é que você estava vestida? Ou, no caso de violência contra mulheres: o que você fez que merecesse apanhar?

Segundo Margarita Pisano (2001), ser dependente, submissa e venerar a quem subjuga tem sido a grande marca naturalizada que acompanha, em maior ou menor grau,

todas as mulheres. Por essa razão, quando uma mulher diz: “eu sou eu mesma” e assume sua historicidade, ela entra em conflito com seu meio e consigo mesma. Foi assim com Nísia Floresta e com tantas outras antes dela, e ainda é assim hoje. Para entender por que e como isso acontece, é preciso um estudo mais acurado em leituras que, particularmente, o campo da pesquisa feminista vasculhou e vasculha¹³. É a partir dos cativados que as mulheres conseguem transformar suas vidas. É reconhecendo-os que conseguem abandoná-los.

Ao ler Nísia nos dias de hoje, poderíamos aventar que foi uma mulher até bem comportada, porém, observando suas movimentações e seus escritos, realmente ela foi uma “mulher má”, anunciando o que no século XX viria a ser a bandeira de luta das feministas de todas as ramificações, ou seja, o acesso ao conhecimento numa ação concreta que foi conquistada por meio do acesso à educação escolarizada em todos os níveis e áreas do conhecimento. Muitas mulheres, de todas as idades e classes sociais, ainda hoje não fazem ideia do que passaram as que ousaram entrar em lugares de douto saber; e mais: mulheres que realmente ampliaram essas possibilidades não somente para elas mesmas, como o fez Nísia Floresta, mas como um caminho que não tem mais volta para todas as outras que vieram depois dela. Foi tão “má” essa mulher que, além de anunciar dignidade para uma educação inteligente para as meninas e mulheres do seu tempo, também se solidarizou com a questão indígena e com a população pobre deste país. O poema *A lágrima de um caeté* confirma essa opção:

[...] que lugar ocupas tu, há três séculos e meio, nesta magnífica região onde te havia colocado o Eterno e onde os homens da civilização vieram com a religião do Cristo oferecer-te as suas vantagens para fazer de ti um povo melhor? Parece-nos ouvir a extinta e queixosa voz do bravo e maldado Caeté responder: ó terra de meus pais, ó Pátria minha! Que seus restos guardando, viste de outros longo tempo a bravura disputar Ao feroz estrangeiro a Pátria nossa, A nossa liberdade, os frutos seus!... Recolhe o pranto meu, quando dispersos Pelas vastas florestas tristes vagam Os poucos filhos teus à morte escapam, Ao jugo de tiranos opressores, Que em nome do piedoso céu vieram Tirar-nos estes bens que o céu nos dera!
As esposas, a filha, a paz roubar-nos!... Trazendo d’além mar as leis, os vícios, Nossas leis e costumes postergaram! (...) (FLORESTA, 1989 (1856), p. 144).

Durante o período em que dirigiu a escola, escreveu artigos em jornais da cidade, tais como: O Mercantil; O Jornal do Comércio; O Ilustrado, entre outros. Numa postura bastante anticomercial da educação, criticava os estrangeiros que, com qualquer diploma, abriam novas escolas em busca do lucro.

Nenhuma lei geral tendente à investigação dos colégios particulares foi ainda promulgada pelo governo, nenhuma medida tomada para que o ensino da nossa mocidade fosse convenientemente dirigido. [...] À parte as devidas exceções, as

¹³ O artigo de Pedro M. S. Alves, *Kant e o feminismo* (2010), apresenta uma pertinente reflexão em torno da dominação masculina, quando (re)coloca como pergunta-chave a seguinte questão: “*como pode a dominação vir a ser reconhecida como dominação?* [...] Que mutações essenciais, que mutações nas ordens política, social e civilizacional tornam possível que uma ‘dominação’ sempre exercida e por isso mesmo invisível seja subitamente desnudada e exibida em sua positividade?”.

nossas casas de educação são dirigidas por pessoas sem a aptitude necessária ao desempenho do mais melindroso emprego entre os povos civilizados. Muitas dessas pessoas aportam às nossas praias com o fim de especularem no comércio. Vendo depois frustrados os seus planos, lançam mão do ensino [...]. Apreciamos em subido grau os talentos dos estrangeiros. Quiséramos mesmo poder reunir em nossa terra todos os que estivessem no caso de instruir-nos e utilizar-nos com os seus conhecimentos, de que tanta precisão tem o nosso povo. Mas quais são aqueles que justamente merecem esse lado da nossa consideração? (FLORESTA, 1989 (1856), p. 78-79).

Encontramos a crítica para com o machismo, feita de forma livre (1832), ou como afirma Constância Duarte (2003), *antropofagiada* não só por meio da tradução do livro “*Vindication of the Rights of Woman*”, de Mary Wollstonecraft (1792), mas também de artigos da famosa Olympe de Gouges (1791), Nísia observa que, se os homens fossem obrigados a

[...] declarar o que sentem a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e dar prazer aos nossos amos, isto é, a eles, homens (FLORESTA, [1832]1989, p. 35).

A autora levanta um debate para além do seu tempo. Questiona a educação doméstica que influencia as primeiras impressões da identidade de mulheres e de homens. Abomina a educação familiar e escolar que, para as meninas, não passa de uma superficial preparação para o trabalho doméstico e das artimanhas para a sedução no cultivo da beleza do corpo nos padrões do desejo masculino. Ou seja, ela não desejava a educação formal que existia no seu tempo para as meninas e mulheres. Ao que parece, ela percebeu que a educação oferecida nas escolas do século XIX era sexista, racista e classista. Ao afirmar que a mulher deveria ter seu intelecto esclarecido com o “estudo *de coisas úteis e com a prática dos deveres, inspirando nela o deleite que se experimenta ao cumpri-lo*” (FLORESTA, 1997, p. 115), Nísia propunha uma mudança no conteúdo curricular ensinado na escola, mas também na família e sociedade. A denúncia era no sentido de que a educação da sua época purgava a alma das mulheres com nocivas frivolidades que atordoavam seus pensamentos, obstinando-as a acreditarem serem elas rainhas do lar, quando, na verdade, eram escravas dos desejos alheios. Ou seja, Nísia ainda é atual, pois temos dezenas de ‘ilustrações’ para comprovar o quanto ainda se ensina a menina a ser bibelô. Os paradoxos estão postos a cada esquina virtual ou real do cotidiano.

Conclusão

Os textos de Nísia Floresta, ao serem resgatados, podem provocar debates e produções de conhecimentos que ainda estão longe de estarem presentes nas rodas de formação docente e discente. Uma releitura que possibilita a utilização da hermenêutica feminista fortalece o estudo e a argumentação para que tenhamos mulheres e homens

apropriando-se do seu passado, responsáveis pelo presente e construindo um futuro equitativo e digno da participação de todos os seres humanos. No dizer de Marcela Lagarde y de los Rios (2005), as alternativas que temos não devem ser dicotômicas, binárias, pois a questão não é substituir o patriarcado pelo matriarcado, muito menos diabolizar os homens. Trata-se de inventarmos futuros com um presente mais democratizado por “desejos afins e esforços compartilhados” (p. 22).

O que podemos concluir dessa antipedagogia que Nísia nos ofereceu, no século XIX, para ser relida no século XXI? Ao extrapolar o limite demarcado pelas próprias ideias da época, oferece aos séculos seguintes material rico para novos estudos, como, por exemplo, de que o positivismo tinha reservado às mulheres a educação para produzir boas mães e, no máximo, boas professoras de crianças, porém essa foi uma das ‘janelas’ que permitiu que as mulheres abrissem os horizontes para a busca do conhecimento. Ainda, que essa busca deixou de ser simplesmente um lugar relacionado com a maternagem, mas passou a ser um lugar transgressor, num caminho que não tem mais volta na busca por autonomia e autoria na produção de conhecimento. Com Nísia, as mulheres avançaram o sinal e podem deixar explícito seu desejo por outras formas de se fazer presentes na sociedade além da maternidade: desejar o refinamento da busca pelo conhecimento e pela autoria e, como exemplos como os dela, escrevem com mais coragem para dizerem o que pensam.

Essa autoria pode ser entendida como um caminho para a autonomia e o diálogo constante com seus pares. Releer, rever para dialogar e reelaborar as pedagogias vai depender da capacidade, ousadia e coragem para exercícios de recondução ao resgate de textos de mulheres como Nísia do século XIX, a fim de aprofundar o debate pedagógico e a produção nessa área do conhecimento por meio de hermenêuticas fundamentadas em novos argumentos. Não custa retomar o que Duarte (2003, p. 152) salienta, na introdução do artigo intitulado “Feminismo e literatura”, de que o movimento feminista, no Brasil, descuidou da palavra *feminista*, deixando que se tornasse sinônimo de antifeminino; e que não é possível seguir permitindo que “[...] as novas gerações desconheçam a história das conquistas femininas, os nomes das pioneiras, a luta das mulheres de antigamente que, de peito aberto, denunciaram a discriminação, por acreditarem que, apesar de tudo, era possível um relacionamento justo entre os sexos”. Ou seja, vale a pena relembrar e reelaborar, por meio do estudo dos textos dessas pioneiras, as possibilidades já anunciadas desde há muito. A hermenêutica feminista é uma dessas possibilidades na releitura de clássicos para a educação brasileira.

Referências

BARBOSA, Márcio Venício; PEREIRA, D. M. B. A autobiografia na obra de Nísia Floresta. In: III CIPA - Congresso Internacional sobre a Pesquisa (Auto)biográfica, 2008, Natal. *Anais do III CIPA*. Natal: EdUFRN, 2008.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Mulher virtuosa, quem a achará? O discurso da Igreja acerca da educação feminina e o IV Congresso Interamericano de Educação Católica (1951). *Revista Brasileira de História da Educação / SBHE*, n. 2 - jun./dez. 2001, p. 117-136.

CÂMARA, Nathalie Bernardo da. *Fragmentos de uma obra inédita*. Brasília Editora: Universidade de Brasília, 2001.

CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Natal (RN): Dep. Estadual de Imprensa, 1997.

DISCINI, Norma; CAMPOS, Raquel Discini de. A imagem da mulher na literatura e no jornal das primeiras décadas do século XX: questões de discurso e gênero. *Cadernos de História da Educação*, v. 8, n. 2, jul./dez. 2009, p. 443- 458.

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. 3. ed. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1999.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora da UFRN, 1995.

_____. A ficção didática de Nísia Floresta. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de, VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 291-324.

_____. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, set./dec. 2003, p. 151-172.

_____. *Nísia Floresta: cronologia*. Disponível em: <http://www.editoramulheres.com.br/autor3_20.html>. Acesso em: 20 mar. 2006.

_____. Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft: entre o diálogo e a apropriação. *Ciência Sempre*, ano 6, 2010, p. 42-49.

_____. As viagens e o discurso autobiográfico de Nísia Floresta. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 16, 2009, p. 73-87.

_____. As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história. *Revista Estudos Feministas*, v. 16(3), 2008, p. 1047-1060.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: Edgardo Lander (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro, 2005, p. 55-70.

EGGERT, Edla. A mulher e a educação: possibilidades de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 3, n. 5, 1999, p. 19-28.

FLORESTA, Nísia. *Fragmentos de uma obra: notas biográficas*. Tradução de Nathalie Bernardo da CÂMARA, Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

_____. *O Opúsculo Humanitário*. [1ª ed. Rio de Janeiro: ed. Atual, 1853], com estudo introdutório de Peggy SHARPE-VALADARES. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1989.

_____. *Cintilações de uma alma brasileira*. [1859] Tradução do Italiano de Michele A. Vartulli. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997.

FRECHSE, Fraya. Resenha do livro de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural. *Revista de Antropologia*, v. 40, n. 2, São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 20 mar. 2006.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. *As origens cristãs da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação Bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhauduti, 2009.

FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; INL, 1985.

GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JAEGER, Werner. *Paidéia, a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; NEVES, Carla Villanova. Valores católicos e profissão docente: um estudo sobre representações em torno do magistério e do “ser professora” (1930-1950). *Revista Brasileira de História da Educação /SBHE*, n. 15, set./dez. 2007, p. 99-115.

MUZART, Zahide Luppinnacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

PEREIRA, Dayana Monalize Bernardo; BARBOSA, Márcio Venício. “Micro-relatos” autobiográficos, Nísia Floresta, pacto autobiográfico. In: III CONGRESSO DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA - Formação, territórios e saberes, 2008, Natal. *Anais*. Natal, RN, 2008, ISBN 97885534929806.

PISANO, Margarita. *El triunfo de la masculinidad*. 2001. Disponível em: <www.creatividadfeminista.org/libro>. Acesso em: 22 mar. 2006.

RIOS, Marcela Lagarde y de los. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 5. ed. México: UNAM, 2005.

RUETHER, Rosemary. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1993.

SANTOS, Lúcia. *Flora Tristán y Nísia Floresta: cosmopolitismo y género en el siglo XIX*. Disponível em: <www.lehman.cony.edu/ciberletras/v07/santos.html>. Acesso em: 20 mar. 2006.

STRECK, Danilo Romeu. Práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras. *Série-Estudos*, Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, n. 22, jul./dez. 2006. p. 99-112.

SOIHET, Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. *Rev. Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, 2005, p.193-195.

*Recebido em dezembro de 2011
Aprovado em março de 2012*